

Pesquisa-ação no jornalismo infantil: o podcast Radinho BdF¹

Juliana Doretto

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa.
E-mail: jdoretto@gmail.com*

Resumo: Produzido pelo grupo de comunicação *Brasil de Fato*, o *Radinho BdF* é um podcast semanal, de cerca de 30 minutos, voltado às crianças e aos seus cuidadores. Produzido desde abril de 2020, o formato aborda um tema como reportagem principal, além de trazer brincadeiras, contação de histórias, músicas e receitas. Este trabalho apresenta os desdobramentos de uma proposta de pesquisa-ação na produção do programa: por meio de um processo de assessoria, estabeleceram-se debates semanais com uma das realizadoras, com propostas de novas abordagens e rotinas produtivas, além de medidas de auxílio na obtenção de fontes. Como resultados, notou-se uma inflexão no direcionamento do programa, com a inclusão de mais vozes de crianças, ressaltando seu protagonismo na construção do podcast.

Palavras-chave: jornalismo infantil; infância; rádio; podcast; *Radinho BdF*.

Abstract: Produced by the communication group *Brasil de Fato*, *Radinho BdF* is a weekly podcast, of around 30 minutes, aimed at children and their caregivers. Produced since April 2020, the format addresses a theme as its main story, in addition to games, storytelling, music, and recipes. This work presents the consequences of an action-research in the production of the program: by an advisory process, weekly debates were established with one of the reporters, with proposals for new stories and productive routines, and measures to assist in obtaining sources. As a result, we noted an inflection in the direction of the program, with the inclusion of more children's voices, reinforcing their protagonism in the podcast construction.

Keywords: journalism for children; childhood; radio; podcast; *Radinho BdF*.

1. Versão revisada e modificada de artigo apresentado no SBPJor 2020.

Recebido: 08/01/2021

Aprovado: 06/05/2021

1. INTRODUÇÃO

“Começa agora o *Radinho BdF*, uma produção da *Rádio Brasil de Fato*.” Assim se inicia o podcast destinado a crianças produzido pelo *Brasil de Fato* (BdF), ligado à rede do Centro Popular de Mídias (CPMídias), formada por um site de notícias, por uma radioagência e por jornais no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em São Paulo, no Paraná e em Pernambuco. Segundo o site da organização², “movimentos populares criaram o *Brasil de Fato* [em 2003] para contribuir no debate de ideias e na análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país”, entendendo que a democratização dos meios de comunicação é fundamental para esse processo reflexivo e dialógico.

O *Radinho BdF* surge em 1º de abril de 2020, dezessete anos depois do início das atividades do grupo. O programa é transmitido às quartas, às 9h, na rádio online *Brasil de Fato* e na rádio *Brasil Atual*³, que é mantida por entidades sindicais da região metropolitana de São Paulo e que chega ainda à baixada santista e ao noroeste paulista. A rádio *Camponesa*, em Itapeva (SP), e a rádio *Terra HD* (PR) também divulgam o conteúdo. A produção fica ainda disponível no site do *Brasil de Fato* e em plataformas de áudio como Deezer e Spotify.

No texto⁴ que acompanhou a primeira edição do programa, Beatriz Pasqualino, uma das jornalistas responsáveis pelo formato e que faz parte da direção do BdF, “explica que o *Radinho BdF* foi idealizado a partir de uma reflexão de como o *Brasil de Fato* pode ajudar a população, em especial mães, a lidar com este período de quarentena”. Em entrevista, ela diz que:

Em tempos de coronavírus e filhos em casa, pensamos em um programa infantil que divirta as crianças e os cuidadores delas. E tudo isso com conteúdos que valorizem a cultura popular e que envolva os pequenos em programação de rádio, já que há muita carência de conteúdo para eles nesse veículo⁵.

A mesma apresentação afirma que se trata de um “programa de muita brincadeira, contação de história e dicas importantes para o *cuidado familiar*”, que “a voz que apresenta o programa é da jornalista e mãe Camila Salmazio”, e que, “assim como os demais conteúdos, o Brasil de Fato disponibiliza o programa *Radinho BdF* de forma gratuita para rádios comunitárias, rádios poste e outras emissoras que manifestarem interesse em veicular o conteúdo”⁶. Ou seja, fica clara a ligação do programa com os responsáveis pelas crianças, bem como a ideia de democratização da informação produzida, que parece tão cara ao *Brasil de Fato*. O roteiro dos episódios traz sempre uma reportagem principal, com entrevistas com especialistas e crianças; músicas (infantis ou não) relacionadas ao tema explorado nessa pauta; e diferentes seções, como a explicação de uma brincadeira ou de uma receita e contação de histórias. Essas partes podem abordar ou não assuntos relacionados à temática da matéria que é o carro-chefe da edição.

Este artigo tem o objetivo de apresentar os resultados de um processo de pesquisa-ação no podcast *Radinho BdF*, ocorrido no primeiro semestre de 2020,

2. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/quem-somos>. Acesso em: 25 jul. 2020.

3. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/radioagencia>. Acesso em: 25 jul. 2020.

4. OUÇA a estreia do programa Radinho BdF para crianças e famílias. *Brasil de Fato*, São Paulo, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/01/ouca-a-estrela-do-programa-radinho-bdf-para-criancas-e-familias-1>. Acesso em: 25 jul. 2020.

5. Ibidem.

6. Ibidem, grifo nosso.

que buscou aprimorar a comunicação com as crianças que é proposta pelo formato, a partir das dificuldades encontradas pela redação para produzir conteúdos jornalísticos direcionados ao público infantojuvenil (em relação a temáticas, abordagens e linguagens). E aqui entendemos a pesquisa-ação segundo a compreensão de Tripp⁷, que a vê como um processo que segue metodologias da investigação científica tradicional para definir as ações que serão tomadas para melhorar práticas sociais. Filiamo-nos também a Baldissera, quando diz que “a forma de pesquisar a realidade implica a participação da população como agente ativo no conhecimento de sua própria realidade e possibilita a mesma adquirir conhecimentos necessários para resolver problemas e satisfazer necessidades”⁸.

Desse modo, trata-se de um campo constituído por características tanto da pesquisa científica quanto das rotinas produtivas ou de ação social e que pede atividades nessas duas áreas. Assim, a prática é modificada pela pesquisa, mas esta última também é alterada por conta dos contextos e da ética que advêm da primeira.

A prática tende a ser uma questão de reagir eficaz e imediatamente a eventos na medida que ocorram e a pesquisa científica tende a operar de acordo com protocolos metodológicos determinados. A pesquisa-ação fica entre os dois, porque é pró-ativa com respeito à mudança, e sua mudança é estratégica no sentido de que é ação baseada na compreensão alcançada por meio da análise de informações de pesquisa⁹.

Nesse sentido, Tripp diz ainda que a pesquisa-ação não é atórica, mas vale-se de estudos científicos para compreender melhor os cenários e as situações com as quais trabalha e, assim, propor ações mais eficazes para a solução do problema encontrado e avaliar de modo mais complexo os resultados obtidos.

Além disso, é importante destacar que, alinhados ao trabalho de diversos estudiosos da chamada nova sociologia da infância, surgida nos anos 1980, neste trabalho entendemos a infância como uma construção social. Assim, essa fase da vida não é definida pela biologia (ainda que haja intensas mudanças corporais nessa etapa), mas sim como uma categoria social (a infância permanece, ainda que as crianças cresçam), conformada por relações sociais que se modificam com os diferentes contextos socioeconômicos e culturais em que os meninos e meninas vivem (daí o termo “infâncias”), e também ao longo do tempo. Essa abordagem sugere ainda que o conhecimento sobre as crianças seja edificado a partir de suas vozes e, da mesma forma, advoga que os meninos e meninas atuem ativamente na vida social, a partir das ideias de participação e protagonismo (ou seja, “com acção influente”¹⁰):

Finalmente, a sociologia da infância só poderá concretizar o seu programa científico se assumir a participação da criança (exercício efectivo da decisão no espaço individual e colectivo) como referente, a um tempo, social e metodológico [...], se tomar a criança como sujeito de conhecimento e se fizer de si própria uma verdadeira Sociologia: isto é, a ciência que busca o conhecimento dos factos sociais, através das e com as crianças¹¹.

7. TRIPP, David. Pesquisa-ação. Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

8. BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001, p. 8.

9. TRIPP, David. Pesquisa-ação... Op. cit., p. 448.

10. SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e influências. In: SARMENTO, Manuel J.; GOVÊA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis. Vozes, 2008. p. 17-39, p. 23.

11. *Ibidem*, p. 23.

Por conta disso, na próxima seção, iremos primeiramente debater a produção e a recepção de produções jornalísticas em áudio para crianças no Brasil contemporâneo.

2. RÁDIO, JORNALISMO E INFÂNCIAS BRASILEIRAS

A observação de Beatriz Pasqualino, uma das diretoras da rede *Brasil de Fato*, sobre a necessidade de criar um programa para auxiliar as crianças e seus cuidadores durante o período de isolamento social decorrente da pandemia da covid-19 parece encontrar ressonância no mercado da comunicação brasileiro. Guilherme Dearo, em reportagem publicada no site da revista *Exame*, em 8 de abril de 2020, mostra o crescimento dos formatos voltados para os pequenos na chamada “quarentena”, em que o distanciamento físico surge como forma de controlar a transmissão no novo coronavírus, causador da doença. O texto traz estudo da plataforma de streaming Deezer, que demonstrou o aumento de 218% no consumo de podcasts de conteúdo infantil. Esse processo acompanhou o crescimento da audição de rádio como um todo na plataforma: “A necessidade de ouvir mais rádio, de modo a se manter informado, fez com que o consumo de rádio na Deezer crescesse globalmente 19% nas últimas duas semanas. Podcasts também começaram a ser mais ouvidos, principalmente aqueles que têm como tema crianças [...]”¹². A pesquisa foi realizada entre 2 e 22 de março de 2020, na Itália, na França e no Brasil.

Sobre o consumo de rádio por crianças para além do streaming, Weigelt e Röhsler¹³ trazem dados da pesquisa Mídia Dados, de 2015, que mostram que, entre os entrevistados de 10 a 14 anos, 49% ouviam rádio. Nos adolescentes (de 15 a 19 anos), o número subia para 59%. Informações mais antigas vêm de Ribeiro¹⁴, com pesquisa brasileira realizada em 2003 pelo Instituto MultiFocus, em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba, que ouviu 1.500 crianças. “O instituto constatou que 86,5% das crianças de 6 a 11 anos, das classes A, B e C, escutam rádio regularmente; e que quase metade delas escolhe pessoalmente as emissoras”¹⁵. Ainda que não se saiba muitos detalhes sobre a metodologia usada nas investigações e, por conta disso, se possa questionar a representatividade dos dados, é possível perceber que as crianças são de fato uma parte da audiência radiofônica.

Ribeiro¹⁶, então, concretiza esses dados em uma pesquisa de recepção com crianças do Rio de Janeiro e de Niterói. A pesquisadora entrevistou 26 meninas e 20 meninos, entre 6 e 11 anos, de diferentes classes sociais, entre 2013 e 2014. Entre suas preocupações estava a tentativa de compreender se os entrevistados ouviam rádio e se o faziam porque outra pessoa ligava o aparelho ou se isso era um interesse seu; ou ainda se as crianças prestavam atenção ao conteúdo que escutavam.

No mapeamento, viu-se, em primeiro lugar, que 42 das 46 crianças tinham alguma relação com o rádio, ainda que mais superficial. Sobre as notícias,

12. DEARO, Guilherme. Com quarentena, público muda consumo de músicas e podcasts. *Exame*, São Paulo, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/casual/com-quarentena-publico-muda-consumo-de-musicas-e-podcasts/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

13. WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Veridiana. “Dá para ouvir no celular? Eu não sei!”. O rádio e as crianças em Venâncio Aires – RS. *Rádio-Leituras*, Mariana, v. 9, n. 2, p. 9-28, 2018.

14. RIBEIRO, Adriana. Criança ainda ouve rádio? *Revista Pontocom*, Rio de Janeiro, 19 out. 2016b. Disponível em: <https://planetaponto-com.org.br/revista/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>. Acesso em: 22 jul. 2020.

15. *Ibidem*.

16. *Idem*. A criança em situação de escuta – uma aproximação à audiência infantil de rádio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Intercom, 2016a.

17. Com um formato não jornalístico, destaca-se também o programa *Mari-taca*, que, segundo a descrição publicada em seu site, “é voltado para o público infantil e procura instigar a imaginação do pequeno ouvinte através de músicas de qualidade e contação de história”. Disponível em: <https://www.programamari-taca.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2022.

18. DORETTO, Juliana. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. *C-Legenda*, Niterói, n. 30, p. 59-72, 2014.

19. RIBEIRO, Adriana. *A criança... Op. cit.*, p. 8.

20. *Arádio* foi encerrada em 2019 pelo governo de Jair Bolsonaro.

21. FERNANDES, Rodrigo F. *Rádio Brincadeira: os jogos sonoros e performances do corpo nos programas infantis*. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 52.

22. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/752/revisteen-cbn-joca>. Acesso em: 2 mar. 2021.

23. RIBEIRO, Adriana. *A criança... Op. cit.*

24. DORETTO, Juliana. *“Fala conosco!”: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015; *NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (Ed.). TIC Kids online Brasil 2018: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018/>. Acesso em: 6 jan. 2021.

que é o tópico que mais nos interessa aqui, 20 dos 46 entrevistados disseram ouvir ou ver notícias na TV (11 entrevistados) e/ou no rádio (12 crianças), mas somente dez disseram gostar do conteúdo jornalístico a que tinham acesso. Alguns deles afirmaram também que tinham dificuldade para entender o que ouviam ou viam. Os dados revelam ainda que as crianças associavam a palavra “jornal” sobretudo à TV. Nesse ponto, é importante destacar que esse conteúdo, em grande parte, não é direcionado às crianças, tendo em vista a pouca produção noticiosa¹⁷ voltada para os pequenos no Brasil em diversas plataformas, incluindo o rádio, como temos demonstrado ao longo do nosso trabalho¹⁸ e como ressaltou ainda Beatriz Pasqualino no texto de apresentação do *Radinho BdF*. Nesse sentido, Ribeiro¹⁹ afirma que

Em geral a produção brasileira de recursos em áudio ou rádio para crianças e, poderia dizer, a produção audiovisual para crianças, não se preocupa em promover a divulgação de notícias ou informativo para elas. Cabe lembrar aqui de Walter Benjamin, que produziu uma série de programas radiofônicos destinados a discutir com as crianças as questões de seu tempo. Atualmente, a School Radio da BBC produz informes de questões contemporâneas voltados para crianças. Na Rádio MEC AM²⁰ há também um programete de cinco minutos “Perguntar e pensar”, destinado ao público infanto-juvenil com destaque para questões de comportamento; segundo a descrição do programa, ele aborda “questões psicanalíticas infanto-juvenis”. O programa é produzido em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Outra produção com vertente jornalística ainda em atividade é a rádio *Animada*, veiculada pela *Rádio MEC*, aos fins de semana, pela manhã, com músicas, contação de histórias e reportagens, abordando fatos históricos, agenda cultural e curiosidades (sem entrevistas com crianças, de modo geral). Até 2015, a *Rádio MEC AM* apresentava ainda a rádio *Maluca*, em que artistas conduziam um programa de auditório ao vivo, com plateia, brincadeiras e música. Fazia parte dessa atração o quadro “Repórter Mirim”: “a reportagem, que já fora editada e finalizada, conta com a participação ativa da criança, sempre desenvolvendo um assunto relacionado ao tema do dia no programa”; tratava-se de algo semelhante a uma redação, em que as crianças usavam “argumentos textuais” para falar do assunto²¹. A CBN traz o podcast *Revisteen*, feito em parceria com o jornal para crianças *Joca*, buscando levar “para as crianças e os adolescentes as notícias mais importantes do Brasil e do mundo em dez minutos”²².

Em relação ao consumo de rádio de modo genérico, o estudo de Ribeiro²³ mostra também o que a literatura na área vem afirmando nos últimos anos²⁴ em relação ao acesso e apropriação das mídias por crianças: a mediação familiar é fundamental para o estabelecimento de certas rotinas midiáticas dos meninos e meninas, sobretudo dos mais novos. É ouvindo o aparelho por meio dos hábitos de outros familiares que a maior parte das crianças passa a se envolver com essa mídia, da mesma forma que veem o noticiário com os pais, leem um suplemento para crianças oferecidos por seus responsáveis ou acessam a internet com a supervisão desses adultos. Além disso, conforme crescem, elas acabam estabelecendo seus próprios modos de consumir o rádio. Isso porque os entrevistados mais

velhos ou que têm irmãos adolescentes reportaram um uso mais individualizado dessa mídia, que se foca em emissoras associadas ao público jovem. Enquanto isso não acontece, o rádio ainda é considerado algo “adulto”, mas que pode se tornar interessante, de acordo com o conteúdo ouvido (essa escuta, aliás, é sobretudo em casa e no carro, no caminho entre escola e casa, por exemplo). Nesse sentido, as músicas aparecem como a programação que mais agrada às crianças, mas esse gosto musical não é formado de modo estrutural pelo rádio, pois recebe bastante influência da igreja, da TV e da família.

Para as crianças que compartilham o hábito com os adultos, o rádio é mais facilmente apropriado quando faz parte intensamente de seu cotidiano familiar, e conforme alguns de meus entrevistados me disseram, essa cotidianidade faz com que acabem por gostar do veículo – “gosto por que me acostumei”. Ele se torna divertido, interessante e positivamente significativo quando essa escuta é compartilhada positivamente com um adulto ouvinte, ou quando toca um repertório que previamente já faz parte do universo de interesses da criança.²⁵

Ainda sobre a produção radiofônica jornalística para crianças, Custódio e Maciel²⁶ falam de dois programas. O “Mambembeiro” era transmitido até 2018 pelas rádios *Nacional da Amazônia* e *Nacional de Brasília*, e seu acervo pode ser ouvido no portal da Empresa Brasil de Comunicação. O formato trazia reportagens, notas, séries dramáticas e entrevistas. Entre os temas trabalhados estavam assuntos como valorização da classe artística, imigrações e assédio sexual. Já o “Unespinha”, “o programa da criança”, era transmitido aos domingos de manhã pela *Rádio Unesp FM*, em Bauru (SP), e pelo site da emissora. Tratava-se de uma revista radiofônica semanal, com pautas diversas, que cobriam sobretudo datas comemorativas e eventos na cidade, mas que também trazia temáticas atemporais, como a morte. O formato explorava ainda temáticas educativas, como curiosidades científicas, natureza e língua e literatura.

Em suas análises, as autoras mostram que os programas trabalhavam com o gênero jornalístico apenas de maneira parcial (no caso do “Unespinha”, havia apenas notas, por exemplo) – do mesmo modo que o *Radinho BdF*, o que as autoras chamam de “gênero especial”²⁷. Além disso, ainda que haja o esforço de ampliar o conhecimento das crianças, os formatos requeriam aperfeiçoamentos no modo como interagiam com os ouvintes. Havia por vezes um tom excessivamente alegre (como se as crianças estivessem ou tenham de estar sempre contentes, numa idealização dessa etapa de vida), uso de diminutivos e simplificação de assuntos:

[...] falta um pouco mais de arrojo na produção de vinhetas e textos (principalmente no caso do Unespinha), maior participação da criança na produção e uma abordagem mais espontânea e menos mimetizada.

[...] Ainda que seja possível trabalhar conteúdos que frequentam a programação geral, é aconselhável que isso seja feito com inventividade e se aproximando o máximo possível do universo de discurso da criança, de maneira a despertar sua curiosidade e interesse pelos assuntos, respeitar sua inteligência e estimular sua sensibilidade²⁸.

25. RIBEIRO, Adriana. A criança... Op. cit.

26. CUSTÓDIO, Michele Leticia; MACIEL, Suely. Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil. *Alterjor*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 337-356, 2020.

27. *Ibidem*.

28. *Ibidem*, p. 354.

Por fim, Weigelt e Röhsler²⁹ também fizeram uma pesquisa de recepção, com 20 crianças entre 8 e 10 anos de idade da cidade gaúcha de Venâncio Aires, de zonas rurais e urbanas. O trabalho organizou a escuta de um programa de rádio com os participantes: o “Redação RVA”, síntese noticiosa veiculada ao vivo de segunda a sexta pela rádio *Venâncio Aires AM 910*. Os participantes escutaram a edição do dia 17 de abril de 2017, e os investigadores lhe perguntaram sobre seus entendimentos das notícias, além de mapearem seus hábitos de escuta do rádio. Como resultados, notou-se, assim como no trabalho de Ribeiro³⁰, que a audição radiofônica se dá sobretudo pela mediação adulta, de acordo com a rotina estabelecida nas famílias. Cerca de um quarto dos entrevistados da cidade disse que em suas casas a programação mais ouvida é a jornalística, enquanto no campo esse número sobe para mais de 50%, ressaltando a importância desse veículo para a rotina noticiosa desse grupo, que tem mais dificuldades em acessar algumas outras fontes de informação. Na escuta do programa, as crianças urbanas debateram mais sobre a notícia que envolvia política, pois reconheceram as figuras abordadas, e as do campo falaram sobre a narrativa que abordava a área da saúde, sem motivo detectado.

Nas conclusões, os autores destacaram que, apesar do processo de convergência midiática, que faz o rádio estar presente também nas mídias online, esse meio de comunicação ainda é mais associado à materialidade do aparelho: “Mesmo podendo usar seus eletrônicos com certa liberdade, poucos sabem, por exemplo, que é possível ouvir rádio pela internet. A maioria das crianças nessa pesquisa desconhece que através do celular podem baixar aplicativos ou acessar sites de rádios”³¹.

Os trabalhos apresentados acima não conseguem, obviamente, dar conta da pluralidade das infâncias brasileiras nem avançam no estudo de podcasts, mas mostram, ao falar com crianças de zonas rurais e urbanas e de diferentes faixas etárias, que elas são um público consumidor de rádio (incluindo o conteúdo jornalístico). Além disso, essas pesquisas também destacam a falta de iniciativas de veículos jornalísticos em produzir programas de áudio que busquem atrair o público infantojuvenil. Segundo Ribeiro³², a premissa de que os meninos e as meninas não são interessados na escuta radiofônica justifica o pouco “investimento em projetos de radiodifusão para o público infantojuvenil; bem como a ausência de uma política que incentive produções em áudio com finalidades educativas; ausência de controle sobre os conteúdos ofertados; ausência de preocupação das instâncias formadoras”. O *Radinho Bdf* surge, então, como mais uma das exceções nesse cenário.

3. PESQUISA-AÇÃO NO RADINHO BDF

Pelo exposto no tópico acima, é possível compreender que o programa para crianças da rede *Brasil de Fato* é, portanto, uma iniciativa pouco comum na programação radiofônica brasileira, ainda que seu caráter inicial não seja o

29. WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Veridiana. “Dá para...” Op. cit.

30. RIBEIRO, Adriana. A criança... Op. cit.

31. WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Veridiana. “Dá para...” Op. cit., p. 15.

32. RIBEIRO, Adriana. A criança... Op. cit.

de um conteúdo voltado apenas para as crianças, mas para grupos familiares. Seu formato de podcast, para além da exibição convencional em uma emissora, permite ainda que públicos de outras regiões do país acessem a produção (ainda que, pelo que vimos anteriormente, essa audição tenha provavelmente de ser estimulada por adultos). O *podcasting*³³, segundo Vicente³⁴, “refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc.” Ainda de acordo com o autor, por conta dessas condições, o formato se diferencia das produções radiofônicas convencionais, pois perde-se a ideia de instantaneidade, tão cara ao rádio, e propiciam-se novas formas de escuta.

Assim, também nesses termos, o podcast parece se afastar do rádio convencional estabelecendo com ele uma relação de complementaridade: enquanto este pode preencher com músicas e notícias parte do dia de seus ouvintes, o podcast pode propor outra relação de escuta e, de um modo geral, uma variedade muito mais ampla de programação e um nível mais complexo de experimentação sonora³⁵.

Nosso primeiro contato com o *Radinho BdF* deu-se por conta de uma mensagem enviada por uma das jornalistas produtoras do programa, Mayara Paixão, à lista de e-mails da Associação de Jornalistas de Educação, da qual ambas fazemos parte. Na missiva, de maio de 2020, ela divulgava esse e outro programa de rádio produzido pelo *Brasil de Fato* ligados à educação e pedia sugestões para o desenvolvimento do projeto. Assim, entramos em contato com a repórter, disponibilizando-nos a ajudar o programa como achassem necessário, por conta do nosso interesse de pesquisa e do nosso grande envolvimento com o tema. Ela se interessou pela possibilidade de enviarmos sugestões de pautas e de entrevistados, e assim fizemos. Porém, o primeiro contato mais efetivo se deu cerca de dez dias depois, quando fui entrevistada como especialista para um programa intitulado “Jornalismo também pode (e deve) ser coisa de criança”, que abordava, de algum modo, uma das pautas que havíamos sugerido em nosso primeiro e-mail.

Dessa primeira colaboração surgiu a ideia de acompanharmos mais de perto a produção do programa, oferecendo auxílio com temáticas, abordagens e linguagens, de modo a não subestimar as capacidades das crianças. Eram itens que traziam dificuldades à rotina de produção do programa, tendo em vista que a equipe não contava com especialistas na elaboração de conteúdos infantojuvenis. A parceria foi oficializada no programa de número 10, no qual o texto de apresentação passava a indicar que o programa “conta com aconselhamento de Juliana Doretto, professora da PUC de Campinas que estuda como as crianças e jovens aparecem nas notícias”³⁶.

Estabeleceu-se então uma rotina de trabalho: a avaliação de cada programa seria feita a partir de uma troca de visões entre nós e Mayara Paixão (que nos transmitiria as percepções da equipe e que também informava aos colegas as conclusões de nossas conversas). Na mesma ocasião, falaríamos sobre

33. O autor prefere deixar o termo podcast para se referir a programas específicos.

34. VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene. *Emergências periféricas em práticas midiáticas*. São Paulo: ECA-USP, 2018. p. 88-107, p. 97.

35. *Ibidem*, p. 105.

36. RADINHO BdF faz uma viagem pelos sonhos da criança. *Brasil de Fato*, São Paulo, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/03/radinho-bdf-faz-uma-viagem-pelos-sonhos-da-criancada>. Acesso em: 25 abr. 2022.

as possíveis formas de condução das futuras pautas (sempre escolhidas pela redação, sem nossa interferência na seleção final, ainda que também possamos sugerir temas). Nossa ajuda poderia ainda incluir a sugestão de fontes a serem entrevistadas nas reportagens (tanto crianças quanto especialistas), além da indicação de profissionais para as seções do programa, como contação de histórias, brincadeiras e receitas. Deu-se início, então, a um projeto de pesquisa-ação:

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados.³⁷

Baldissera³⁸, remetendo a João Bosco Pinto, divide ainda a metodologia dessa modalidade de pesquisa em algumas fases. De modo geral, há o *momento de investigação*, em que se recorta a área a ser trabalhada e levantam-se dados sobre ela; o da *tematização*, em que se faz uma reflexão teórico-crítica sobre os fatos que serão pesquisados; e o da *programação/ação*, que classifica os problemas levantados, estabelecendo prioridades, e planeja ações e as avalia. Esse novo conhecimento será então apropriado pela população estudada, como também afirma Tripp: “A pesquisa-ação, como uma forma de investigação-ação, é um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para mais melhora no seguinte”³⁹.

Em nosso caso, após a exposição do problema pela própria redação – dificuldades na escolha de temas, abordagens e na construção do texto jornalístico feito para crianças –, realizamos a análise abrangente dos programas disponíveis até então, de modo a levantar pontos a serem mais bem desenvolvidos. Além disso, conversas com a jornalista/produtora Mayara Paixão possibilitaram que se conhecessem os detalhes das rotinas produtivas, como as formas utilizadas pela redação para encontrar fontes e profissionais que auxiliassem na elaboração das seções (o que remete ao momento da investigação). Ao mesmo tempo, partimos para o estudo mais aprofundado de textos científicos que abordassem a produção e a recepção radiofônica pelas crianças (o que seria, de acordo com a metodologia exposta acima, o momento da tematização).

Partiu-se então para a programação/ação, a partir das rotinas de conversas que estabelecemos com uma das profissionais que realiza o *Radinho*, conforme descrevemos acima. Esse contato sempre se dá por telefone, em mensagens ou áudios de WhatsApp ou por chamadas de áudio. O primeiro ponto debatido foi a definição do público ouvinte. Apesar da ideia inicial de falar também com os cuidadores das crianças, a redação já havia percebido que a narrativa ficava por vezes confusa, pois alguns trechos do roteiro se destinava aos adultos (como entrevistas com especialistas como professores de educação física, psicopedagoga ou uma professora de literatura) e outros às crianças (como as histórias, brincadeiras e receitas). Reforçamos então a escolha, que já estava

37. BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação... Op. cit., p. 6.

38. Ibidem.

39. TRIPP, David. Pesquisa-ação... Op. cit., p. 454.

sendo desenhada pela redação, de falar apenas com as crianças. E isso inclui as mais jovens: por conta da linguagem sonora, que prescinde da alfabetização, o *Radinho BdF* pode conseguir falar mesmo com uma criança de cinco ou seis anos. Isso não implica, por sua vez, que os adolescentes não serão ouvidos como personagens das matérias, tendo em vista que suas rotinas e experiências possam também se aproximar às das crianças. No entanto, estabeleceu-se que, quando o forem, a reportagem deve estimular que a fala deles seja bastante clara, para que os meninos e meninas menores compreendam o que dizem. Esse caminho começou a ser trilhado a partir da sétima edição do programa, quando tínhamos conversas informais com a redação, e se fortaleceu a partir daí.

Sabe-se, pelos estudos analisados anteriormente, da importância da mediação parental no acesso a conteúdos radiofônicos, e isso certamente se dá com o *Radinho BdF*. Mas entende-se que se trata de um formato que deve ser pensado, em todos os aspectos, para o público infantil. Porém, acredita-se que os cuidadores que escutarem o programa junto de suas crianças também poderão usufruir da atração, descobrindo mais sobre diferentes aspectos da realidade tratados a partir da perspectiva infantil e conhecendo produções culturais a elas destinadas.

Além disso, debateu-se também a importância da escuta de um número sempre grande de crianças na principal reportagem do programa (mas não só), de forma a dar protagonismo a elas no roteiro, como temos defendido em nosso trabalho⁴⁰. A entrevista com as crianças já fazia parte do projeto do *Radinho*, mas algumas matérias nos programas iniciais se desenhavam com destaque às vozes adultas. Para ampliar as entrevistas com crianças, auxiliamos a produção com a formação de uma rede de fontes, por meio do contato com diretoras de escola e com profissionais que trabalham com o universo da infância e que são de nossa teia de contatos. Além disso, o *Brasil de Fato* tem grande ligação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, por conta disso, a participação de crianças de diferentes assentamentos, distribuídos pelo país, é uma constante do programa, trazendo variados sotaques e vivências diferentes das dos meninos e meninas urbanas (o que é um aspecto muito positivo do podcast).

Nesse sentido, notou-se um gargalo na produção, a ser solucionado a cada edição: a importância de incluir todos os depoimentos recolhidos, tendo em vista as expectativas geradas nas crianças após a realização de entrevistas. Num programa com duração fixa de meia hora, nem sempre é fácil articular todas as falas coletadas, mas entende-se que os discursos infantis devem sempre ser priorizados. Assim, mesmo crianças mais tímidas devem ter vez no programa, ainda que seja preciso um processo maior de edição de suas falas.

A inclusão de mais vozes infantis ao longo dos episódios produzidos proporcionou, em nossa opinião (e o “nós” aqui se refere também à redação), um claro aprimoramento do ritmo do programa, e uma rica diversidade nas perspectivas abordadas nas pautas, que buscam fugir do adultocentrismo: “Estávamos avaliando hoje, e é isso: as crianças não só são público-alvo do programa; elas são também aquelas que fazem o programa”, nos disse Mayara Paixão, em nosso diário de pesquisa.

40. DORETTO, Juliana. “Fala conosco!”... Op.cit.

A ideia, aliás, é sempre que possível trazer o discurso recolhido durante as conversas com as crianças, evitando que elas leiam informações ou pareçam ter uma performance ensaiada em suas aparições, o que seria apenas uma mimetização da participação infantil – já que ela seria controlada pelos adultos –, conforme apontam Custódio e Maciel⁴¹. Para exemplificar essa mudança de abordagem, vejamos alguns trechos de roteiros do programa. No episódio do dia 29 de abril, “Biólogo explica às crianças como fazer uma horta caseira”, antes do início da pesquisa-ação, o roteiro trazia a seguinte fala de Camila Salmazio: “Então, me diga, do que você tem brincado em casa nesses últimos dias? [alguns segundos de silêncio] Quantas brincadeiras! Apesar de a gente ainda não poder sair por causa do coronavírus, tem muitas atividades legais para fazer dentro de casa”. Percebe-se que não há a interação com crianças, mas o podcast imagina que elas estão respondendo ao que se pergunta no programa.

Já no material sobre autocuidado divulgado em 9 de setembro de 2020, a narradora questiona: “E como nosso Radinho de hoje é sobre cuidados com o corpo, eu te pergunto: o que você mais gosta no seu?”. Fala que vem seguida da resposta: “A parte do meu corpo que eu mais gosto são os meus olhos, porque é a parte do meu corpo que eu acho mais bonita. Oi, meu nome é Emily Oliveira da Silva, tenho 12 anos e moro em São Paulo”. Ou no programa de 17 de março de 2021, que falou sobre a chegada de uma nova estação, temos a fala de uma criança: “Eu não lembro de nenhuma música que fala do outono, mas eu gostaria de ouvir”. Ao que a narradora Camila Salmazio responde: “Não tem problema Alice, porque a Gabriela lembrou de uma boa e vai cantar para a gente”. Aqui, o *Radinho BdF* passa a ser estruturado a partir das falas das crianças, que vão conduzindo a abordagem do tema.

Outro ponto que vem sendo fortalecido no processo de pesquisa-ação é a diversidade das pautas abordadas, que já era um desejo da equipe, mas nem sempre executado, por conta das dificuldades na abordagem. Hoje a matéria principal do *Radinho* pode abordar diferentes temas, ligados à natureza (como água e geração de alimentos), ao comportamento infantil (a convivência com os irmãos, os sonhos que elas têm ao dormir), à cultura e ao esporte (rock, futebol, festas juvenis) e a diferentes aspectos sociais (racismo, protagonismo feminino, povos latino-americanos). Nesse sentido, auxiliamos a condução de pautas que trazem mais desafios à redação, como famílias homoafetivas ou as vivências das crianças indígenas: as ideias em geral partem da redação e debatemos com as jornalistas sobre como falar desses assuntos com os entrevistados e como estruturar o texto jornalístico, já que o formato clássico do *lead* não costuma ser a melhor forma de apresentar os temas às crianças (o assunto vai se adensando ao longo do programa, de uma abordagem mais simples e cotidiana até a chegada a pontos mais complexos, o que a equipe da pesquisa chama informalmente de “jornalismo em camadas”).

Alguns outros pontos que sugerimos ou reforçamos, e que estão sendo incorporados ao longo da produção dos programas, são: a escuta de especialistas que possam explicar/contextualizar os temas abordados nas reportagens principais,

41. CUSTÓDIO, Michele Leticia; MACIEL, Suely. Programação... Op. cit.

de modo que a matéria não se resume às experiências infantis (ainda que esse seja sempre o destaque e o fio condutor), mas que possa ajudar a criança a compreender melhor os processos reportados; a necessidade de explicar às crianças os “ganchos” dos temas a serem trabalhados nessas matérias, reforçando o caráter jornalístico, e não paradidático, do programa (ponto problemático do jornalismo infantojuvenil, como já apontamos⁴²); a importância de trazer os nomes e sobrenomes das crianças entrevistadas no roteiro do programa, de modo a respeitá-las em um dos elementos mais importantes de sua identidade; a necessidade de sempre buscar receitas e brincadeiras que possam ser bem compreendidas com as explicações em áudio, bem como executadas pelas crianças mais novas; o estímulo da participação das crianças ouvintes, por meio de envios de áudios pelo WhatsApp do programa, com relatos e sugestão de pautas (o que aconteceu poucas vezes, mas a ideia nesse ponto é fomentar essa cultura); a necessidade de explicar termos de difícil compreensão que possam aparecer no roteiro; a importância da sonorização das histórias, para auxiliar as crianças a imaginar a narrativa que está sendo contada; e a atenção com uso excessivo de diminutivos e com o tom excessivamente alegre das narrações, evitando a mimetização de uma imagem estereotipada da criança⁴³.

A cada edição, esses e outros elementos são avaliados por nós e pelo contato que temos na equipe de produção (Mayara Paixão deixou a redação em julho, mas o trabalho continua, com outras profissionais; sobretudo com a jornalista/produtora Michela Carvalho). Ao mesmo tempo, são realizadas novas observações, referentes a aspectos até então não identificados, completando o ciclo esperado para a pesquisa-ação: “O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu”⁴⁴. Além disso, desde agosto de 2020, têm ocorrido reuniões nossas com alguns dos membros da equipe, em que se fazem planejamentos de pautas e outras atividades e balanço do trabalho realizado. Nesse mesmo mês, oferecemos uma formação online de cerca de duas horas à equipe e a outros profissionais do *Brasil de Fato* sobre a produção jornalística voltada para as crianças.

As principais dificuldades encontradas até aqui para a realização do programa, de modo a concretizar os planos definidos nas reflexões sobre o formato, são encontrar fontes adultas que se comuniquem bem com as crianças; vivenciar as mudanças na equipe, causadas por férias, por exemplo (já que se trata de um trabalho especializado); e enfrentar a complexidade de certos temas na elaboração final do roteiro, de modo que os textos tenham bom ritmo e, ao mesmo tempo, sejam compreensíveis às crianças.

Trata-se, portanto, de um projeto cujos resultados são colhidos a cada semana, e que é retomado também a cada sete dias, num processo contínuo de pesquisa e aperfeiçoamento. Espera-se assim, como vem acontecendo, que a atuação da pesquisadora possa alterar a prática da produção radiofônica e, por sua vez, que os aspectos pragmáticos das rotinas jornalísticas também

42. DORETTO, Juliana. *Jornalismo...* Op. cit.

43. CUSTÓDIO, Michele Leticia; MACIEL, Suely. *Programação...* Op. cit.

44. TRIPP, David. *Pesquisa-ação...* Op. cit., p. 454.

possam modificar a pesquisa, jogando luz a aspectos não observados por nós em nosso percurso investigativo, sempre com o objetivo de oferecer um melhor jornalismo às crianças ouvintes do *Radinho BdF*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças ouvem rádio no carro, no caminho da escola para casa; em casa, junto com pais, avós e irmãos, e também sozinhas, de acordo com seus interesses (ainda que isso tenda a acontecer mais no período da pré-adolescência). A literatura mostra também que, quando escutam a programação, usufruem das músicas tocadas ou conhecem um pouco mais sobre sua cidade ou país (ou sobre o mundo), por meio do jornalismo em áudio. Pouco desse conteúdo, no entanto, é produzido para elas. Os meninos e as meninas ouvem canções adultas, ou escutam notícias cuja linguagem é pensada para os mais velhos – e por isso muitas vezes nem compreendem o que escutam. O *Radinho BdF* é um dos poucos projetos radiofônicos jornalísticos no Brasil que tem como público as crianças, e seu formato de podcast permite que um público vasto possa acessar seu conteúdo.

Num projeto de pesquisa-ação tem-se o objetivo de criar intercâmbios mais sólidos entre a pesquisa acadêmica e as rotinas produtivas, de modo a conseguir criar narrativas que possam estimular a criatividade das crianças e respeitar sua figura como sujeitos de direitos, que pensam sobre o mundo e têm garantias para nele intervir, de acordo com o seu desenvolvimento físico e mental, propagando a ideia de que a ação cidadã das crianças não se dará apenas no futuro, quando crescerem, mas começa agora, já que são participantes de uma sociedade democrática. Os resultados apresentados até agora reforçaram o protagonismo infantil no programa, bem como a preocupação em não subestimar as capacidades e os interesses das crianças. O “radinho” do título não deve fazer do programa algo menor, mas, ao contrário, mostrar como um programa para crianças pode tornar-se exemplar na produção de narrativas jornalísticas capazes de, como dizem Kovach e Rosenstiel⁴⁵, fornecer as informações de que os cidadãos, incluindo os meninos e meninas, necessitam para serem livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.

CUSTÓDIO, Michele Letícia; MACIEL, Suely. Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil. **Alterjor**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 337-356, 2020.

DEARO, Guilherme. Com quarentena, público muda consumo de músicas e podcasts. **Exame**, São Paulo, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://exame.com/>

45. KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

casual/com-quarentena-publico-muda-consumo-de-musicas-e-podcasts/. Acesso em: 22 jul. 2020.

DORETTO, Juliana. “**Fala conosco!**”: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

DORETTO, Juliana. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. **C-Legenda**, Niterói, n. 30, p. 59-72, 2014.

FERNANDES, Rodrigo F. **Rádio Brincadeira**: os jogos sonoros e performances do corpo nos programas infantis. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (Ed.). **TIC Kids online Brasil 2018**: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018/>. Acesso em: 6 jan. 2021.

OUÇA a estreia do programa Radinho BdF para crianças e famílias. **Brasil de Fato**, São Paulo, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/01/ouca-a-estreia-do-programa-radinho-bdf-para-criancas-e-familias-1>. Acesso em: 25 jul. 2020.

RADINHO BdF faz uma viagem pelos sonhos da criança. **Brasil de Fato**, São Paulo, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/03/radinho-bdf-faz-uma-viagem-pelos-sonhos-da-criancada>. Acesso em: 25 abr. 2022.

RIBEIRO, Adriana. A criança em situação de escuta – uma aproximação à audiência infantil de rádio. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2016a.

RIBEIRO, Adriana. Criança ainda ouve rádio? **Revista Pontocom**, Rio de Janeiro, 19 out. 2016b. Disponível em: <https://planetapontocom.org.br/revista/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manuel J.; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis. Vozes, 2008. p. 17-39.

TRIPP, David. Pesquisa-ação. Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. *In*: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene. **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA-USP, 2018. p. 88-107.

WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Veridiana. “Dá para ouvir no celular? Eu não sei!”. O rádio e as crianças em Venâncio Aires – RS. **Rádio-Leituras**, Mariana, v. 9, n. 2, p. 9-28, 2018.